



## TEMA GERAL - SUB TEMA 3 – Patrimônio urbano, paisagens culturais, meio-ambiente

### O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO INSERIDO EM UM CIRCUITO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: Agenciamento dos remanescentes do Antigo Complexo de Incineração de Lixo Urbano em Manguinhos, Rio de Janeiro

ANDRADE, INÊS E. J. (1); BEVILAQUA, DIEGO VAZ (2); DUARTE, MARIA CRISTINA C. (3); MACEDO, JACKELINE de (4); OLIVEIRA, MAYARA M. (5); SÁ, BRUNO T. (6)

1. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Patrimônio Histórico  
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-900  
ines.andrade@fiocruz.br

2. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.  
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-900  
diego.bevilaqua@fiocruz.br

3. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Patrimônio Histórico  
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-900  
cristina.coelho@fiocruz.br

4. Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio - PROARQ/UFRJ e Grupo de Pesquisas Paisagens Híbridas – EBA/UFRJ  
Av. Pedro Calmon, 550 – Cidade Universitária UFRJ CEP: 21941-901  
jackelinedemacedo@gmail.com

5. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida  
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-900  
mayara.manhaes@fiocruz.br

6. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Departamento de Patrimônio Histórico  
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro - CEP: 21040-900  
bruno.sa@fiocruz.br

#### RESUMO

Inaugurada em dezembro de 2019, no *campus*-sede da Fiocruz em Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro, a Exposição Arqueológica Complexo de Incineração de Lixo em Manguinhos foi desenvolvida com intuito de aproximar os visitantes dos vestígios arqueológicos no sítio. Essa é a primeira experiência de agenciamento deste tipo de patrimônio pela instituição. Idealizada por um grupo interdepartamental da Casa de Oswaldo Cruz e consultores externos, a proposta foi apresentar e discutir com o público a relação entre saúde pública e memória urbana a partir dos remanescentes do antigo complexo de incineração de lixo urbano municipal. O presente artigo aborda o contexto da pesquisa que fundamentou a musealização do sítio arqueológico, bem como apresenta a experiência do grupo na elaboração do projeto e da referida exposição, na qual são realizadas atividades de educação e divulgação científica.

**Palavras-chave:** agenciamento arqueológico, educação, divulgação científica, memória urbana, preservação.

## 1. Introdução

A partir da realização das obras civis para a construção da nova sede da Casa de Oswaldo Cruz (COC)<sup>1</sup>, no *campus* da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em Manguinhos, foram encontrados vestígios da base de uma antiga chaminé e demais estruturas que integraram o primeiro complexo para incineração de lixo urbano da cidade do Rio de Janeiro, construído pelo poder público local no final do século XIX. Junto a esses elementos construtivos também foram identificados diversos vestígios móveis (artefatos). As pesquisas arqueológicas que foram realizadas no *campus* revelaram evidências complexas e relevantes, despertando o interesse da COC para tais achados. A partir da análise destes vestígios foi instituído um grupo multidisciplinar e interdepartamental, contando, especialmente, com integrantes do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH)<sup>2</sup> e do Museu da Vida (MV)<sup>3</sup>.

O objetivo inicial do grupo foi promover o aprofundamento de questões técnicas e legais para o agenciamento do sítio arqueológico e contou com consultores de expertises diversas. Em virtude de se tratar de um bem arqueológico, este está sujeito a um regime protetivo especial, fundamentado a partir de uma legislação específica e por critérios teóricos-metodológicos pertinentes à arqueologia. Por esse motivo foi contratada uma consultoria de arqueologia, pois a COC não possui em seus quadros esse profissional.

Foi a partir da análise dos resultados destas pesquisas que o Grupo de Trabalho definiu as diretrizes conceituais e de elaboração de um projeto arquitetônico e museológico. Visava-se a salvaguarda e o acesso público ao sítio arqueológico e seus vestígios, por meio da concepção de uma exposição de longa duração integrada ao atual circuito de visitação do MV, o museu de ciência da Fiocruz, vinculado à COC, que tem como temas a saúde como qualidade de vida, a vida como objeto de conhecimento e a intervenção humana sobre a vida. Dessa forma, integrada a esse circuito, a exposição apresenta os vestígios arqueológicos de forma contextualizada à história da ciência e da própria Fiocruz e a temas relativos à saúde e a compreensão da vida enquanto fenômeno biológico e social.

## 2. Antecedentes: sítio histórico e arqueológico de Manguinhos

O *campus* de Manguinhos compreende uma área com elevado potencial arqueológico, tendo sido registrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1966 pela

1 Unidade técnico-científica da Fiocruz responsável pela preservação dos bens culturais e científicos da instituição.

2 O DPH é o departamento da COC que tem como missão atuar na preservação do patrimônio cultural edificado da instituição. Nos últimos anos, tem ampliado suas ações de preservação e de aprofundamento no estudo do potencial arqueológico do *campus* e fiscalizando as intervenções realizadas dentro da área do Sítio de Manguinhos que possam vir a impactar neste patrimônio.

3 O MV é o museu de ciência da Fiocruz, vinculado à COC, que tem como temas a saúde como qualidade de vida, a vida como objeto de conhecimento e a intervenção humana sobre a vida.

arqueóloga Dra. Maria da Conceição Beltrão, sob a denominação de Sítio Arqueológico de Manguinhos. A pesquisa que permitiu a identificação deste sítio foi decorrente da descoberta fortuita de vestígios arqueológicos expostos em parte de um barranco próximo ao Pavilhão Rockefeller, que desmoronou devido a fortes chuvas que atingiram a cidade à época. Durante os trabalhos de campo realizados no sítio de Manguinhos foram identificados materiais de descarte do século XIX (louças, cerâmicas e material de laboratório), vestígios de duas ocupações holocênicas de assentamentos tupinambás em duas fases (o primeiro datado no período entre 500 d.C. a 1.500 d.C. e o segundo que correspondia as descrições históricas de 1557), restos de ocupações humanas pleistocênicas (artefatos da indústria lítica em quartzo) e ossos e dentes de *Equus*, estes relacionados ao período histórico pela arqueóloga coordenadora da pesquisa. Dentre os resultados da pesquisa, aqueles que produziram maior impacto foram a identificação e a delimitação do assentamento indígena tupinambá na área que engloba tanto o Núcleo Arquitetônico e Histórico de Manguinhos (NAHM)<sup>4</sup> quanto parte da Comunidade do Amorim<sup>5</sup> (BELTRÃO, 1989). Os vestígios descobertos pela pesquisa foram agrupados em uma pequena coleção de peças cerâmicas e utensílios de laboratório que estava sob a guarda do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando do incêndio de setembro de 2018 naquela Instituição. Até o momento não temos a comprovação que as peças foram recuperadas.

Dentro do contexto histórico de ocupação do sítio, em 1899, o terreno da antiga fazenda, então relativamente distante do centro da cidade, foi escolhido para a instalação do Instituto Soroterápico Federal, atual Fundação Oswaldo Cruz, criado nessa época com o limitado fim de produzir soros e vacinas específicas para o saneamento dos portos de Santos e do Rio de Janeiro. Em fins do século XIX, parte da antiga Fazenda de Manguinhos foi desapropriada pelo Governo Federal para que fosse implantado naquele local, pela Prefeitura, um complexo destinado à cremação do lixo urbano produzido na cidade do Rio de Janeiro.

## **2.1. O Complexo de Incineração de Lixo urbano**

O Complexo de Incineração de Lixo urbano de Manguinhos teve vida curta, funcionando de 1918 até os primeiros anos da década de 1920. Após sua desativação em 1922, quando os fornos foram desmontados, a chaminé ainda permaneceu até 1939 como um elemento de grande evidência, servindo até de torre de observação e de registro fotográfico do instituto.

4 Designação dada, na década de 1980, ao conjunto de edificações construídas no início do século XX, projetadas pelo arquiteto português Luís de Moraes Jr, para a sede do então Instituto Soroterápico Federal, atual Fundação Oswaldo Cruz.

5 A Comunidade do Amorim situa-se junto ao *campus* da Fiocruz e foi formada a partir da construção de moradias para os trabalhadores da instituição na primeira metade do século XX. Atualmente se constitui num assentamento ocupado por descendentes daqueles trabalhadores entre outros moradores.

Evidências do Complexo de Incineração do Lixo Urbano de Manguinhos foram anteriormente identificadas, na década de 1990, durante a escavação de covas para o plantio de árvores no Parque da Ciência, uma das áreas de visitação do MV, quando foram encontrados vestígios de áreas pavimentadas (ANDRADE, 2013). Outros vestígios de estruturas arquitetônicas – como o depósito do incinerador e o barracão de armazenamento - foram apropriados ao longo do tempo, assumindo novas funções. O depósito do incinerador chegou a abrigar uma enfermaria de cavalos doentes, uso registrado por Luís Moraes Junior em planta de levantamento de 1903.

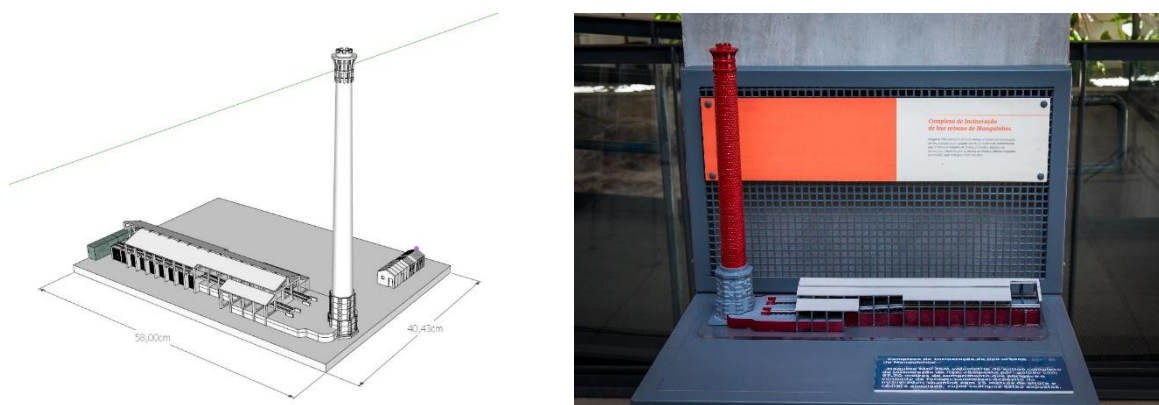


Figura 01: Projeto e maquete executada do Conjunto do Complexo de Incineração de Lixo Urbano em Manguinhos. Fonte: MUSEO, 2019 e Ascom/COC, 2019.

Além de abrigar outros usos, o armazém também sofreu acréscimos posteriores. Através da consulta e da análise da coleção de plantas arquitetônicas do *campus* pertencente ao acervo da Casa de Oswaldo Cruz constatou-se que, na década de 1970, o depósito do incinerador funcionava como local de armazenamento de inflamáveis. Essa edificação foi demolida no final da década de 1970. Esses e outros documentos foram consultados durante a pesquisa e fazem parte do acervo arquivístico da COC.

O barracão, por sua vez, foi reformado e hoje abriga o espaço de exposições temporárias do MV. O afastamento temporal juntamente à perda de referências no território das preexistências, ao menos visíveis, acarretou também em um esquecimento dessa significativa estratificação histórica específica – o Complexo de Incineração. Assim, durante a construção do anexo da sede do Museu da Vida, na década de 2000, parte das fundações da antiga chaminé foram parcialmente mutiladas, por desconhecimento dos envolvidos, durante o processo construtivo da nova edificação.

## 2.2. Pesquisas Arqueológicas

Em 2013, durante as obras civis para a construção do edifício do Centro de Documentação e História da Saúde (CDHS), próximo à sede do MV, foram encontrados vestígios do Complexo

descrito acima. As obras foram precedidas por pesquisa histórica, realizada em 2010 pelo Núcleo de Estudos de Urbanismo e Arquitetura em Saúde do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), que identificou as ocupações anteriores, corroborando na avaliação do seu potencial arqueológico, posteriormente reafirmado em pesquisa específica realizada em 2011 coordenada pela arqueóloga Dra. Tânia Andrade Lima.

Este desvelamento ensejou a realização de pesquisa arqueológica, a qual foi coordenada pela arqueóloga Dra. Guadalupe Campos e, em virtude da relevância destes achados, despertou o interesse da COC em realizar o seu agenciamento e uma exposição para sua contextualização no sítio, o que gerou, inclusive, a necessidade de alteração do projeto arquitetônico da citada sede, que foi aprovada pelo Iphan-RJ. Esse interesse se deu com base no simbolismo da chaminé relativamente à paisagem deste território e à história do saneamento da cidade com a primeira ação pública voltada à destinação do lixo urbano e, portanto, à promoção da saúde pública, tema que dialoga com a missão da Fiocruz desde sua origem.

A pesquisa arqueológica expôs os vestígios tanto móveis (fragmentados ou íntegros) como imóveis (ruína da base da chaminé e demais estruturas) quando da primeira etapa das obras civis para construção da sede do CDHS. O material coletado durante esta etapa da pesquisa corresponde a um número de 6.507 peças (CAMPOS, 2015) e este acervo se encontra sob a guarda permanente do Laboratório de Arqueologia Brasileira (LAB), com sede em Duque de Caxias (Rio de Janeiro). Integram o acervo fragmentos de materiais de distintas naturezas como os utensílios cerâmicos (vasilhames diversos), faianças, faianças finas e porcelanas, material construtivo como tijolos, manilhas, telhas cerâmicas, pisos e azulejos (lisos e decorados), metais (entre esses ferraduras e pregos), vidraria (garrafas diversas, material de uso farmacêutico - laboratorial), ossos de animais e conchas.

Durante a segunda etapa das obras do CDHS, no período de 2015 a 2016, foi realizado o monitoramento arqueológico dos trabalhos que impactavam no sítio arqueológico, coordenado pelo Dr. Giovani Scaramella, o qual teve como objetivo acompanhar todas as atividades de obras civis que pudessem promover qualquer tipo de impacto no patrimônio arqueológico. Na ocasião, foi executada uma rede de drenagem ao redor dos vestígios e um muro de arrimo de concreto armado, respeitando um afastamento de 1,5 metro em relação ao perímetro das estruturas, previamente acordado com a Assessoria de Arqueologia do Iphan Rio, por meio de consulta prévia. O monitoramento recuperou um número de 2330 artefatos (SCARAMELLA, 2017) relacionados com a história do Instituto (vidraria de laboratório), bem como vestígios de materiais que sofreram a ação de queima, o que contribuiu para a

confirmação do efetivo funcionamento dos fornos de incineração de lixo<sup>6</sup>. Esse material está depositado no Laboratório de Antropologia Biológica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com sede na cidade do Rio de Janeiro.

### **3. Agenciamento arqueológico**

A conservação do bem arqueológico tem como objetivo prolongar a vida útil destes artefatos com o intuito de preservar suas características originais, integridade e auxiliar nos processos de pesquisa, de exposição e de documentação. Deve-se levar em consideração, no entanto, alguns fatores primordiais como: o caráter insubstituível do bem ou artefato; sua *vulnerabilidade cultural* através dos tempos e sua *vulnerabilidade material* devido ao uso, manuseio (pesquisa, guarda, exposição ou transporte), além da reação ao ambiente externo e os aspectos ligados à degradação dos materiais pós-exposição. Neste sentido, a conservação dos bens culturais pode ser compreendida como o conjunto de esforços empreendidos para prolongar ao máximo a existência dos objetos. Esta ação de conservação pode ser realizada a partir de intervenções controladas no ambiente externo ao objeto, bem como por meio de ações diretas no objeto (FRONER, 2008). A condição primordial a ser seguida nos procedimentos, seja de conservação ou de restauro, é a de manter a integridade do objeto (seja material, estética ou informativa), buscando eliminar ou deter os fatores de sua degradação.

Qualquer intervenção que vise estacionar a degradação e restituir as características originais do objeto – seja estética ou de resistência –, implica na introdução de novos materiais ou na utilização de métodos invasivos, submetendo-o a uma série de variações e de mudanças que podem interferir em seu comportamento físico-estrutural e até mesmo químico. Portanto, em virtude destes fatores, este tipo de ação deve levar em consideração todos esses princípios e verificar se o procedimento a ser realizado é efetivamente a atitude mais eficaz ou se, ao controlar o ambiente externo, o melhor caminho é a não intervenção.

Após avaliar estas questões, procedimentos de limpeza e de consolidação dos remanescentes arqueológicos foram realizados, assim como ações para estabilizar os processos de alteração/degradação objeto/ artefato, visando a manutenção da integridade de tais vestígios por meio de atividades que não comprometessem as características de seus elementos constitutivos.

Visando a preservação tanto da memória quanto da integridade do objeto, foram implementadas ações para a consolidação, não apenas da materialidade do objeto, mas

<sup>6</sup> Destaque para exemplar de fragmento de garrafa em vidro que apresenta características de queima por altas temperaturas (SCARAMELLA, 2017).

também, daquelas ligadas à sua ressignificação para além de sua condição de ruína ou de vestígio a partir de sua qualidade de testemunho histórico. Esta condição perpassa várias esferas sociais, ou seja, do Estado à instituição pública ou privada, das iniciativas empresariais ao cidadão comum, dos profissionais envolvidos à opinião pública que questiona o campo das ações, das escolhas e dos projetos, dos cientistas aos pesquisadores, museólogos, arqueólogos, bibliotecários, arquitetos e demais técnicos.

Os remanescentes arqueológicos exumados durante as obras do CDHS a partir da sua identificação pelo profissional de Arqueologia passam a ser vistos como fonte primária de informação, ou seja, algo a mais que um mero fragmento da história da nossa cidade ou do *campus* da Fiocruz. Para garantir a contextualização destes remanescentes arqueológicos e a sua socialização, foram criados meios de fluxo de acesso aos visitantes de forma a não comprometer a visualização dos objetos expostos no sítio e permitir a sua valorização enquanto bem patrimonial. Através desta exposição contribuiu-se para a recuperação da história do saneamento urbano no século XIX e dos aspectos relacionados aos problemas de saúde pública provocados pelo acúmulo de lixo em cidades como o Rio de Janeiro do século XIX; e de como a construção de um complexo de incineração de lixo corroborou para a modificação de mentalidades, favorecendo as questões sanitárias e a percepção de como foi e é a relação das pessoas com o seu lixo, com sua higiene, acumulação/consumo, conscientização e sustentabilidade destes no passado e no presente.

A atividade de agenciamento dos bens arqueológicos corresponde à última etapa de um trabalho de arqueologia, pois visa a sua musealização e a socialização do conhecimento produzido no decorrer de todo o processo de pesquisa. Sendo que complementações contemporâneas podem ser realizadas com o objetivo de auxiliar na percepção da ruína. Neste processo de atualização do passado, estes tipos de ações nos permitem acessar vestígios e paisagens esquecidas, escondidas pelo tempo. Muitas destas paisagens que acabaram escondidas por camadas de sedimento e de concreto nos são reveladas na maioria das vezes através de intervenções urbanas ou de obras de civis. Desta maneira, as cidades são concebidas num processo contínuo de construção e desconstrução de paisagens que a partir das inúmeras obras para melhorias e/ou incrementos urbanísticos acabam por revelar vestígios materiais do passado.

No caso dos remanescentes arqueológicos da chaminé do complexo de incineração de lixo, os vestígios estruturais da base da chaminé foram expostos no sítio sem complementações ou reintegrações contemporâneas. O objetivo da intervenção foi apresentar o vestígio na forma como foi encontrado durante a execução da pesquisa arqueológica e buscar, por meio de recursos expográficos, apresentar como teria sido o complexo propriamente dito.



Compreendendo que a construção de conhecimento é uma ação indispensável para a preservação do bem patrimonial, Juntamente com a exposição da estrutura arqueológica, foi planejada para ser exposta uma parte dos artefatos exumados durante as escavações arqueológicas. Tais peças se encontram sob a guarda de instituições autorizadas pelo Iphan para esse fim. As peças atualmente expostas fazem parte do acervo que está sob a guarda do Laboratório de Antropologia Biológica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Esses artefatos remontam a história de ocupação daquele sítio ao longo dos séculos e estão associados à produção de conhecimento a partir do estudo do patrimônio material e da sua imaterialidade.

Para a proteção e agenciamento dos vestígios de estruturas arqueológicas (imóveis), cuja gestão da conservação é de responsabilidade do DPH, foram projetadas e executadas estruturas de proteção e acessibilidade de modo a garantir a conservação do bem. Estas são compostas por três elementos arquitetônicos: guarda-corpos, passarela e cobertura, que têm como princípio norteador a preservação do sítio e a fruição do visitante.

#### **4. Musealização dos vestígios do sítio arqueológico**

A constituição do patrimônio arqueológico possui estreita ligação com as instituições museais no que se refere aos processos de salvaguarda, comunicação e educação. Segundo a educadora e arqueóloga Carla Carneiro (2014), no Brasil o ritmo acelerado de pesquisas arqueológicas nos últimos anos tem influenciado a maneira como os museus se organizam, trazendo desafios no que se refere às formas adequadas de preservação, produção de conhecimento a partir das coleções recebidas e formas de extroversão para diferentes públicos. Embora os museus não sejam as únicas vias de socialização do conhecimento arqueológico, reconhece-se que estas instituições têm exercido papel fundamental na aproximação entre arqueologia e sociedade por meio de ações educativas, exposições e outras estratégias elaboradas de forma interdisciplinar.

A pesquisadora e museóloga Cristina Bruno (2014), que se dedica ao estudo da musealização da arqueologia, a define como um conjunto complexo de procedimentos técnicos e científicos dedicados aos indicadores de memória que a arqueologia evidencia e a museologia salvaguarda e comunica. Em tal processo ocorre a atribuição de valores e a sistematização de sentidos e significados dos objetos selecionados.

Embora existam museus especificamente dedicados à arqueologia, é comum encontrarmos bens arqueológicos nos acervos de instituições de outras tipologias, o que evidencia a aproximação desta área com outros campos do saber. A pesquisa arqueológica, aqui descrita, evidenciou vestígios de construção e um numeroso conjunto de artefatos. Embora estes

vestígios móveis estejam sob a guarda de instituições externas, foi possível selecionar alguns itens e trazer para o *campus* na forma de empréstimo, atualmente aos cuidados da equipe do Serviço de Museologia do MV.

Esses bens de natureza arqueológica trouxeram para a COC a oportunidade de refletir sobre a história institucional do ponto de vista da arqueologia, em diálogo com o patrimônio das ciências e da saúde já consolidado na Fiocruz. Por meio de ações educativas e de divulgação científica do MV há também a possibilidade de discutir as diferentes ocupações humanas no território que hoje compreende o *campus*, além de questões contemporâneas sobre meio ambiente e saúde pública. Nesse sentido foi desenvolvida uma exposição de longa duração que conta com visitas mediadas e área para realização de oficinas de escavação arqueológica. Quanto à preservação, foi estabelecida uma rotina de conservação preventiva tanto dos artefatos quanto dos elementos imóveis do sítio.

## **5. Concepção e desenvolvimento da exposição**

O interesse da COC em realizar uma exposição se dá na combinação entre preservação e divulgação destes bens arqueológicos musealizados. Alinha-se à sua missão de promoção da pesquisa histórica das ciências e da saúde, da preservação e valorização da memória e do patrimônio cultural da saúde e da divulgação científica em suas áreas de atuação na interlocução com o público. Dessa forma, o projeto museológico teve como ponto de partida para a construção da narrativa o sítio arqueológico (objeto) encontrado e sua relação com o território, com a história da saúde e das ciências, além de explorar os aspectos relacionados com a responsabilidade social do descarte e destinação do lixo urbano (conteúdo) na contemporaneidade.

A proposta definida foi de uma intervenção expositiva no espaço de entorno do agenciamento arqueológico. Essa intervenção expositiva buscou criar um local de encontro e relacionamento do público (CURY, 2006) com o conjunto de temáticas selecionadas como recursos importantes para interpretação e apropriação dos vestígios arqueológicos, tanto móveis com imóveis, e sua relação com o contexto local e histórico. Nossa abordagem foi de uma organização temática da exposição (DEAN, 1996) que aborda a relação entre saúde pública e memória urbana a partir dos vestígios arqueológicos do antigo complexo de incineração de lixo urbano no *campus* Manguinhos da Fiocruz.

O grupo interdisciplinar constituído para discussão do projeto expositivo no sítio definiu a sua organização temática, cujos temas estariam em sintonia com os três eixos fundamentais:

- Eixo 1 – Patrimônio - Trata da preservação e valorização do patrimônio cultural da saúde: propondo diálogo conceitual entre os vestígios arqueológicos e os bens que

compõem o patrimônio cultural e histórico situado no *campus*; Destaca o potencial arqueológico do *campus* Mangueiros com a divulgação das ações da COC no que se refere aos vestígios arqueológicos encontrados durante obras civis, bem como o interesse em se apropriar cada vez mais dessa dimensão patrimonial.

- Eixo 2 – Memória - Apresenta histórico de ocupações humanas da região, contextualizando historicamente o complexo para incineração de lixo urbano com outras ocupações outrora existentes no atual *campus* Mangueiros, enfatizando sua relação com a Fiocruz.
- Eixo 3 - Saúde e Ambiente—Problematização dos impactos das práticas de consumo, da geração do lixo e de sua destinação para a saúde coletiva; Identificação dos papéis individuais e coletivos e das políticas públicas na saúde.

### 5.1 Inserção no circuito de visitação

A disposição dos conteúdos realizada no projeto expográfico busca conduzir o visitante em um aprofundamento gradativo nos temas, saindo do mais geral para o mais específico. O percurso foi pensando de forma integrada à exposição de longa duração já existente dentro do circuito de visitação do MV, o Parque da Ciência. Essa integração, além de física, através de uma passagem aberta entre os espaços especificamente para esse fim, se faz também através de possibilidades de itinerários expositivos entre essas exposições ao ar livre.

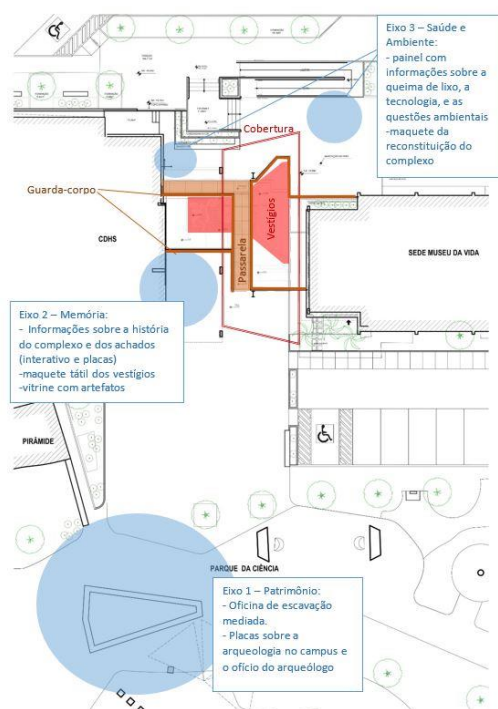


Figura 02: Planta com percursos. Fonte: DPH/COC, 2018

## 5.2 Recursos expográficos

A exposição utiliza uma variedade de recursos expográficos, sendo adotados desde materiais convencionais como painéis informativos (05 painéis distribuídos pelo percurso e nos três eixos e sinalização no ambiente expositivo), legendas, textos de apoio para os vestígios imóveis, vitrine com artefatos, até recursos com foco na interatividade mediada, tais como equipamento multimídia (01 tela em bancada e 01 tela em totem) e duas maquetes táteis dos vestígios e do conjunto edificado do complexo de incineração. Além disso, conta com área de oficina de escavação arqueológica para grupos escolares em visitas mediadas. A intenção com a diversificação dos recursos expográficos foi ampliar as possibilidades de apreensão pelo público visitante, sobretudo crianças e jovens, buscando equilíbrio entre o uso das novas plataformas disponíveis e a realidade de uma instituição pública que nem sempre dispõe de verbas para executar manutenção adequada.

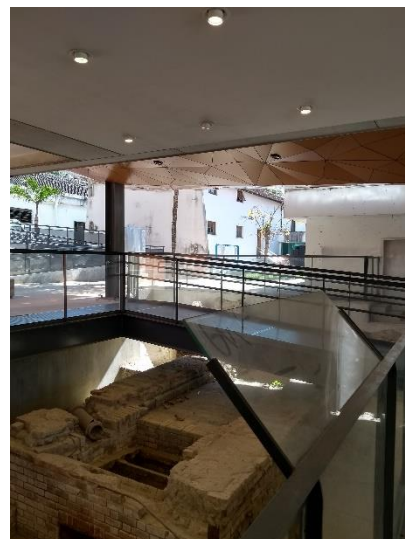


Figura 03: Aspecto do espaço musealizado. Fonte: DPH/COC, 2019.

Conforme apontado acima, uma ação educativa e de divulgação científica para enriquecer a experiência de visita mediada são as Oficinas de Arqueologia. Os mediadores orientam as atividades de escavação, à medida em que apresentam noções básicas do que é arqueologia, as etapas da pesquisa, os artefatos recuperados durante a escavação no sítio e relaciona os temas com as vivências e práticas cotidianas dos sujeitos envolvidos. O intuito é aproximar o conhecimento arqueológico da vida dos visitantes e sensibilizá-los sobre a importância de preservar o patrimônio.





Figura 04: Vitrine expositiva montada e tela interativa multimídia. Fonte: Ascom/COC, 2019

Outro recurso importante é a vitrine de artefatos, localizada próxima aos remanescentes estruturais do complexo de incineração. Os objetos selecionados para compor a vitrine têm procedência do acervo museológico do MV e do Laboratório de Antropologia Biológica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, contendo peças arqueológicas exumadas pela pesquisa arqueológica realizada entre 2015 e 2016. A coleção de objetos arqueológicos resgatados, composto por fragmentos de materiais variados, apresenta danos, com perda de sua volumetria e uma interpretação de difícil compreensão. Uma vez que esses remanescentes fragmentados ou incompletos são expostos em associação com itens do acervo do Museu, relacionados às práticas laboratoriais da Fiocruz de função similar, junto às imagens e textos explicativos contribuem para o visitante relacionar a forma e função dos artefatos oriundos das escavações.

Um outro destaque da exposição foi a confecção de duas maquetes táteis, desenvolvidas com consultoria de um profissional de museu com deficiência visual. Uma das maquetes representa os vestígios arqueológicos, tal qual eles estão evidenciados no sítio, e a outra uma representação do que se supõe ter sido o complexo de incineração na sua forma primitiva. As maquetes estão expostas com o objetivo de ampliar a acessibilidade da exposição, sendo acessíveis a todos, mas prioritariamente aos visitantes com deficiências visuais. Os materiais utilizados privilegiaram as diferentes texturas com o objetivo de propiciar a percepção de informações por meio do tato, que geralmente são acessíveis exclusivamente através do sentido da visão.

O uso da tela interativa multimídia busca levar ao público camadas de informação não diretamente acessíveis pelos outros meios. No multimídia é possível construir e desconstruir a estrutura do forno de incineração a partir de um modelo 3D de sua forma completa até os vestígios expostos. Permite também uma visualização esquemática de seu funcionamento original, uma comparação de tamanhos entre a chaminé e outros monumentos e prédios de referência e uma visualização tridimensional de uma modelo do complexo reconstruído digitalmente comparado com filmagens atuais feitas por *drone*. Além disso, para complementar a experiência do visitante, há uma galeria de fotografias históricas do complexo, mapas de localização do incinerador e um pequeno jogo para crianças sobre a reciclagem do lixo.

## **6. Considerações**

A experiência da equipe na implantação do primeiro sítio arqueológico agenciado no *campus* de Manguinhos da Fiocruz demonstrou que o campo do patrimônio cultural permite levantar diversas questões e reflexões que envolvem a temática, e que comportam perspectivas tanto de divulgação científica como de educação patrimonial.

A definição do que é um artefato e um sítio arqueológico, bem como o reconhecimento da importância do trabalho do arqueólogo na construção do passado e no entendimento do presente, foram as bases do processo de conscientização da necessidade de ações para salvaguardar este tipo bem patrimonial. A exposição dos remanescentes arqueológicos do complexo de incineração de lixo urbano ressaltou a urgência por políticas efetivas voltadas para a socialização do conhecimento produzido a partir das pesquisas arqueológicas que, em parceria com as demais áreas do conhecimento voltadas à preservação do patrimônio, podem ser bem sucedidas quando acompanhadas por ações educativas como as empreendidas na exposição. A associação destes saberes não deve permanecer restrita apenas aos pares acadêmicos daqueles que realizam os projetos de arqueologia, arquitetura ou de preservação patrimonial. Para o sucesso desta empreitada é inconcebível se pensar em preservação do nosso passado sem que este possa ser documentado, difundido, reconhecido pela sociedade em geral como parte de sua história e de seu presente.

Nesse sentido, convém destacar que os aspectos que orientaram o projeto foram:

- Integração espacial entre o sítio arqueológico, o edifício do CDHS e do MV.
- Preservação e valorização do sítio arqueológico, de modo a consolidar a missão institucional em divulgar e popularizar o patrimônio cultural das ciências e da saúde, neste caso específico, os bens de natureza arqueológica

- Integração do sítio arqueológico ao circuito de visitação do MV, relacionando os vários usos e ocupações humanas da região do *campus* com a trajetória institucional da Fiocruz e da saúde pública no Brasil;
- Diálogo com o Projeto de Requalificação do Núcleo Arquitetônico e Histórico de Manguinhos (NAHM), ora em desenvolvimento (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2014)

A pretensão da equipe foi estimular a reflexão do público sobre a produção e o descarte do lixo urbano e de como a materialidade de tais objetos pode gerar conhecimento a partir da ótica da arqueologia, da história e do urbanismo. Espera-se, com a exposição, explorar os vestígios em seus diferentes aspectos e problematizar também as questões que tangem a cultura do descarte na atualidade e suas consequências ao meio ambiente, além de colaborar em grande medida para a valorização do patrimônio e da memória, tanto local quanto da cidade do Rio de Janeiro, junto à sociedade de modo geral.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Inês El-Jaick. *Plano de ação: Planejamento de Pesquisas Arqueológicas no campus Fiocruz Manguinhos*. Rio de Janeiro: DPH/COC/Fiocruz, 2013

BELTRÃO, Maria da Conceição. Aspectos pré-históricos pleistocênicos do projeto arqueológico Manguinhos e suas potencialidades. *Caderno de Saúde Pública*, RJ, 5 (1), 121-128, jan/mar, 1989.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: Caminhos Percorridos. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2/1, 4 jul. 2014. p.4-15.

CAMPOS, Guadalupe do Nascimento. *Programa de pesquisa arqueológica de Manguinhos futuro centro de documentação e história da saúde – CDHS. Fundação Oswaldo Cruz. Relatório Final*. Rio de Janeiro: Termoeste; Fiocruz, 2014.

CARNEIRO, Carla Gilbertoni. Socialização do conhecimento arqueológico: uma perspectiva interdisciplinar. *Revista de Arqueologia*, vol. 26, nº2, 2013 / vol. 27, nº1, 2014. p.141-156.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2006.

DEAN, David. *Museum Exhibition: theory and practice*. New York: Routledge, 1996

FRONER, Yaci-ara. *Preservação de bens patrimoniais: conceitos e critérios*. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. *Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos. Documento de Referência*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC [n.p.], 2014.

MACEDO, Jackeline de. *Relatório Final: Projeto de Socialização dos remanescentes arqueológicos recuperados na FIOCRUZ*, Rio de Janeiro– RJ. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019.

SCARAMELLA, Giovani. *Monitoramento arqueológico do complexo de incineração de lixo urbano*. Relatório Final. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.